

**UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
MONOGRAFIA II**

**O ENSINO RELIGIOSO NOS ESTABELECIMENTOS OFICIAIS DO
MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO**

**Trabalho de conclusão de curso,
apresentado ao Curso de Pedagogia
da UNI-RIO. Para obtenção do
Grau de Pedagoga.**

Leila Maria do Nascimento

**Rio de Janeiro
93.2**

DEDICATÓRIA

A Deus por ter me dado força, coragem e sabedoria. À amiga e professora Valéria C. L. Wilke, que contribuiu com sua dedicação e amizade. Ao meu noivo André Cavalcante, por sua compreensão e grande Amor para concretização desta monografia.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pelo exemplo de vida e sincera credibilidade a minha pessoa. Aos meus irmãos, Alésio, Lúcia e Ari, as cunhadas Valéria e Marisa por poder contar com o apoio recebido por todos. A minha irmã e professora Leni do Nascimento, por seus ensinamentos de vida e pela sua colaboração em revisar as normas gramaticais vigentes. Ao meu Pastor Carlos Augusto Costa, pelas suas palavras nos momentos difíceis.

A Diretora da Divisão do Ensino Religioso do Rio de Janeiro, Carmencita Costa Seffrim e a sua equipe que concedeu informações a fins.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - LEVANTAMENTO HISTÓRICO	
1.1. O Ensino Religioso na Europa.....	4
1.2. O Ensino Religioso no Brasil.....	10
CAPÍTULO 2 - LEVANTAMENTO LEGAL	
2.1. Levantamento Legal do Ensino Religioso nos Estabelecimentos Oficiais do Município do Rio de Janeiro.....	19
2.2. Levantamento Estrutural do Ensino Religioso no Município do Rio de Janeiro.....	30
2.3. Levantamento Curricular e Metodológico do Ensino Religioso no Município do Rio de Janeiro.....	32
CONCLUSÃO.....	45
NOTAS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
ANEXOS	
Anexo 1	50
Anexo 2	51
Anexo 3	52

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Esta monografia visa a análise do Ensino Religioso nos Estabelecimentos Oficiais do Rio de Janeiro quanto a sua estrutura legal e metodológica.

O tema foi escolhido pelo interesse que desperta em mim uma vez que, a partir da minha vivência religiosa, acredito que o espaço desta disciplina seja um local privilegiado para se tocar em assuntos pertinentes à vida moral do homem.

Historicamente, há várias abordagens éticas possíveis, que se diferenciam conforme diferentes princípios, tomando como ponto de partida, por exemplo, numa ética utilitarista, a utilidade que aparece como princípio último regente da vida do homem.

Entendemos que Deus constitui o primeiro e último princípio da vida humana. Assim, a postura ética em que acreditamos tem como ponto norteador a relação homem/Deus.

O homem vivencia esta relação no domínio de sua religiosidade, que pode se dar dentro de um credo ou não.

Esta relação pode ser trabalhada também dentro da escola, numa disciplina facultativa, que não vise doutrinar os alunos num credo específico, mas que ao contrário, busque construir com os educandos uma compreensão mais ampla da realidade, isto é, situada além dos limites da razão e do cientificismo modernos, o que a experiência religiosa permite.

Acredito que isso é possível porque concebo como a religião, não como uma questão dogmática, mas como, a dimensão, onde o homem procura a razão da sua existência. Este conceito vai ao encontro de posições como de pensadores tais como:

"E o homem criou Deus a sua imagem e
semelhança." 1
(Feuerbach)

"A religião é a origem e o fundamento das
categorias da razão."
(Durkheim)

"A religião é o suspiro da criatura oprimida."
(Carl Marx)

"Idéias religiosas são ensinamentos e afirmativas
sobre fatos e condições da realidade
externa ou interna que nos contam sobre
coisas que não descobrimos por nós
mesmos e que exigem a nossa crença"
(Sigmund Freud)

A posição que acredito respalda-se também na palavra de
Deus:

"E criou Deus o homem a Sua imagem e
semelhança." 2
(Gênesis 1:27)

"Não sabeis que sois templo de Deus e que
o Espírito de Deus habita em voz."
(I Coríntios 3:16)

"Se, pois, o Filho vos libertar,
verdadeiramente sereis livres."
(João 8:36)

"Respondeu-lhe Jesus: Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim."

(João 14:6)

"Amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama e nascido de Deus e conhece a Deus."

(1 João 4:7)

A experiência religiosa cristã, por se dar em cima do Evangelho, onde estão presentes o Amor e o Respeito ao próximo, a Solidariedade, a Igualdade de todos os homens como filhos de Deus, o Desenvolvimento Pleno do homem e suas potencialidades, permite que o homem avalie constantemente seus atos. Assim, acredito que o Ensino Religioso, ao lidar com esta rica experiência, pode contribuir para que cada ser humano, individualmente, e em sociedade e a sociedade como um todo, reveja os valores atuais (ou a falta deles); a fim de que caminhos que levam em conta a dignidade humana, sejam traçados neste final de século.

O primeiro capítulo consiste em um breve histórico do Ensino Religioso, em que procuramos passar do âmbito mundial para o brasileiro até chegarmos ao Município do Rio de Janeiro.

O segundo capítulo aborda o Ensino Religioso no Município do Rio de Janeiro, iniciando-se pela estrutura legal, em seguida passa-se para o levantamento estrutural e finalmente executa o levantamento curricular e metodológico.

Em anexo seguem as cópias das sugestões metodológicas contidas no Caderno de Sugestões Metodológicas.

CAPÍTULO 1
LEVANTAMIENTO HISTÓRICO

1.1. O Ensino Religioso na Europa

Para se ter uma visão geral do espaço do ensino religioso na cultura ocidental é necessário conhecer momentos importantes. Por isso propomos um breve apanhado de situações registradas em que o Ensino Religioso esteve presente na história, como forma de introduzir o nosso tema e as contribuições do Ensino Religioso nos Estabelecimentos oficiais do Município do Rio de Janeiro.

Historicamente, a Baixa Idade Média antecedeu a Moderna e, no seu fim, a Igreja ainda monopolizava a educação e a cultura teocêntrica na Europa; sua força era superior a dos reis. O homem medieval possuía um profundo sentimento religioso, uma vez que sua preocupação essencial girava em torno da destinação supra-temporal.

Durante o medievo surgiram várias vozes dissonantes da ortodoxia oficial católica, que discordavam dos caminhos propostos pela Igreja. Tais vozes, questionando a posição da Instituição, passaram a defender outra postura diante de Cristo - postura esta que acreditavam estar mais próxima da doutrina original do Rabi da Galiléia.

A estrutura política-econômica no período da Idade Moderna teve como sistema o absolutismo - a centralização total do poder nas mãos do rei - e o mercantilismo, que colocava o domínio econômico nas mãos dos monarcas nacionais. Esta política favoreceu o fortalecimento da burguesia européia.

A Europa foi sacudida por uma radical transformação, que teve implicações econômicas, políticas, sociais e religiosas, na medida em que refletiu a mudança no paradigma do conhecimento, o desenvolvimento do

capitalismo, a laicização cada vez maior da sociedade, as novas formas políticas e as novas práticas religiosas.

A Reforma Protestante ocorreu neste contexto, nos princípios do século XVI, e através dela uma parte da Europa rejeitou a autoridade do Papa e da Igreja Católica. Iniciada na Alemanha, em 1517, com Martin Lutero, admitia somente o Evangelho como única e exclusiva fonte de verdade.

A ligação da Reforma com a Educação se deu através do humanismo presente nelas, que fortalecia a liberdade individual. A diferença entre os católicos e protestantes reside no fato de que os primeiros acreditavam ser a revelação, a verdade externa expressa pelo Papa - autoridade máxima da Igreja, que é infalível -; e os protestantes, por sua vez, acreditavam que os dogmas revelados levam em si o direito de liberdade de exame.

A Reforma colocou a instrução a serviço da crença revelada, a saber, sob o amparo da fé; tal atitude chamou-se de Teísmo Pedagógico, visto como via nas relações com Deus e sua revelação, o propósito final do processo educativo. A necessidade da leitura da Bíblia acarretou o problema de uma educação geral, voltada para todos sem distinção de idade, classe social, raça ou sexo.

Em sua obra *Instrução aos Inspetores*, Lutero formulou em grandes traços, a organização de estudos que pedia uma escola de três graus (a classe de crianças que aprendiam a ler, a dos que sabiam ler e a dos adiantados), recomendava o ensino de cálculo e, sobretudo, da história. Com seu catecismo escrito na língua materna assegurou a permanência da formação religiosa. Lutero fez os pais responsáveis pela educação dos filhos, solicitou ao poder público a organização e obrigatoriedade do ensino que devia ter como centro a formação religiosa da juventude, porém ampliou o

quadro de estudos e recomendou novos procedimentos; enfim deu grande importância à formação de bons mestres, lançando os alicerces da escola elementar popular.

Mas foi Filipe Melanchton (1479-1560) que criou definitivamente os colégios secundários de tipo humanista da Alemanha com o método de aprender as disciplinas cada uma por vez. Primeiro, os mestres tratavam de que os alunos aprendessem somente o latim, não o alemão ou o grego ou hebraico. Segundo, os mestres não deveriam sobrecarregar a criança com livros em demasia e teriam, por todos os meios, que evitar a multiplicidade de seus ensinamentos. Terceiro, era necessário que as crianças estivessem divididas em várias classes.

A chamada "Reforma" repercutiu em vários países como na Inglaterra, onde Thomas Morus, o autor de *Utopia*, ataca as comunidades eclesiásticas. Henrique VIII rompe com a Igreja Católica (1534) e o rei passa a ser o chefe espiritual da Igreja Anglicana, preservando, porém, a hierarquia da Igreja Católica.

As idéias de Lutero repercutem nas ações de Zwingli, na Suíça, que rompe com Roma, e nas de Calvino, na França, muito mais rigoroso que Lutero. As idéias reformistas se proliferaram rapidamente. Encontraram seguidores na Holanda e na Bélgica, na Escócia com os presbiterianos, e tempos depois nas colônias inglesas na América do Norte.

A idéia de educação elementar obrigatória teve magnífico resultado em todos os países e cidades que aderiram ao movimento, como Genebra, Escócia, Inglaterra, Holanda e América do Norte.

A Igreja Católica, em contra partida à extensão do movimento protestante, se reorganizou. Essa reforma religiosa da Igreja Católica, ou Contra-reforma, demonstrou com duras provas para o catolicismo, o poder da educação na conquista dos espíritos. Os cristãos, próximos ao Papa e

partidários da tradição eclesiástica, compreenderam que a quebrantada força da Igreja poderia ser restabelecida, exterminando-se um dos motivos da tormenta - os abusos - , e empreendendo a conquista pela fé por meio da educação, forma pela qual tentou-se restaurar o poder espiritual do clero e do Papa. Para acabar com os abusos cometidos pela Igreja Católica, apontados e criticados pelos reformadores, a Instituição instaurou um Concílio. Quanto à educação, foram criadas congregações de ensino dentre as quais a Ordem dos Jesuítas alcançou grande êxito, que, a princípio, obrigou os protestantes a se deterem e, mais tarde, a retrocederem; estabeleceu-se entre aqueles e estes uma luta pela fé, nas frentes intrinsecas da educação.

A Reforma Católica se estendeu na Itália, França, Portugal e Espanha. Formados sobre rígida disciplina, os jesuítas fortaleceram a doutrina católica em missões de catequese por todo mundo. No Brasil, Anchieta e Nóbrega são dois exemplos típicos. No Japão o exemplo mais famoso é de São Francisco Xavier.

A educação na América Latina se deu através da sua colonização e, conseqüentemente, determinou sua cultura. Foi uma obra de conquista da parte de Portugal e Espanha. A conquista originou-se no transplante da cultura ibérica para o continente americano, fato extraordinariamente importante. O descobrimento e a conquista da América foram, sem dúvida, uma das maiores glórias da civilização européia, iniciada com a chegada de Colombo às Antilhas, em 1492.

Os educadores eram religiosos: franciscanos, dominicanos, agostinianos, e, mais tarde, jesuítas. Este tipo de educação imperialista construía-se sobre sólida cultura humanista.

Também as Missões constituíram o recurso inicial, eficaz, para evangelização dos povos americanos. Tinham um caráter muito variado,

mas, com frequência, compreendiam duas etapas: a peregrinação às novas terras e a fundação de centros evangélicos.

É de importância ressaltar que a primeira tarefa civilizadora na América popularizou-se em torno da evangelização dos indígenas.

Muitos e destacados civilizadores realizaram a portentosa obra educacional, que foram: no México, Frei Paulo de Gonte; no Peru, Frei Geronimo de Loaysa, São Toribio de Mongrovejo e Tomás de San Martín; no Chile, Pedro Hernández de Paterna; na Ilha de São Domingos, o dominicano Pedro de Córdoba; no Paraguai, o clérigo João Gabriel Lazcano; e no Brasil, Padre Manoel da Nobrega, primeiro provincial da ordem jesuíta, secundado por José de Anchieta, que fundou colégios em Salvador, na Bahia, em Piratininga, São Paulo e no Rio de Janeiro. Essas obras foram resultados dos jesuítas que, desde que chegaram ao Brasil, em 1553, dedicaram-se a catequese dos Índios; mais tarde, Antônio Vieira, também célebre jesuíta, louvou e glorificou a oratória sagrada não somente no Brasil.

O século XVII sacudiu a Europa com um forte movimento intelectual. Superou-se, definitivamente, a ciência dos antigos, novos países surgiram, no céu novas estrelas foram descobertas; nas ciências novas leis foram formuladas. Por isso já não se podia manter o velho tipo de educação predominantemente filosófica e humanística. Onde a vida falava, a autoridade da letra não tinha como impor-se.

Por sua parte, a filosofia moderna (Francis Bacon, René Descartes, dentre outros), ao emancipar-se também da tradição, ainda influente, buscou um íntimo contato com a ciência, continuando assim a obra ideológica do humanismo.

No século XVIII o Iluminismo - movimento filosófico herdeiro das conquistas modernas e ainda inovador - arquitetou os ideais político-sócio-cultural-econômico que ocasionaram a derrubada no Antigo Regime

Francês. Suas idéias extrapolaram os limites da França alcançando outros países da Europa e da América.

Neste século assistimos a três grandes revoluções: a Revolução Americana (1775-1783), a Revolução Francesa (1789-1799) e a Revolução Industrial na Inglaterra (1760-1830), e ainda os movimentos de independência das colônias européias na América Latina.

A Revolução Americana (1775-1783), a primeira ocorrida no mundo, colonial, configurou a ruptura dos laços que uniam as treze colônias britânicas da América do Norte à metrópole. A Declaração da Independência, em 4 de julho de 1776, culminou todo o processo. O governo republicano torna-se competência dos habitantes do Estado.

Na segunda metade do século XVIII, teve início na Inglaterra a Revolução Industrial, acelerando-se a passagem do sistema doméstico para o fabril de produção. O primeiro era disperso, o segundo concentrado. Surgem, então, as grandes cidades industriais.

No plano econômico, a grande indústria torna-se peça chave do novo sistema. No plano político, a democracia passa a ser o tema fundamental e legitimação da nova ordem. No plano ideológico, educacional e doutrinário o liberalismo polariza as discussões, valendo lembrar que, no século XVIII, a palavra "liberal" é altamente subversiva nos regimes absolutistas.

O Brasil, como os países ditos "atrasados", viveram sua revolução industrial muito tardiamente, às vezes impulsionado por fatores externos e deles dependentes.

O desenvolvimento industrial demanda a montagem de impérios coloniais para o consumo de mercadorias produzidas pelo novo sistema de produção (ou modo de produção). Nesta perspectiva,

Industrialização/Imperialismo constituiu o binômio dominante em todo século XIX e parte do século XX.

A Revolução Francesa, por seu turno, representou um dos processos mais decisivos da transição do feudalismo ao capitalismo. O contexto de violentas lutas de classe destruiu a sociedade de ordem do Antigo Regime (absolutismo), levou a burguesia ao poder e criou a condição para o desenvolvimento do capitalismo na França.

Ao cabo das transformações provocadas pela emergência dos ideais da Idade Moderna, percebemos que um novo conceito de civilização passou a compor o universo mental do homem moderno e que existe até hoje. Dele fazem parte as noções de civilização industrial, democracia representativa, cidadania, liberalismo e socialismo, que deixaram suas marcas na Educação ao introduzirem questionamentos acerca da liberdade de ensino, da laicidade pedagógica - isto é, das relações entre Igreja e Estado no que tange à extensão - em volume e duração - do curso primário, do objetivo da cultura liberal média, da organização do ensino técnico, da autonomia do curso superior.

1.2. Ensino Religioso no Brasil

No final do século XVIII e início do século XIX, o Brasil vivenciou o apogeu do Positivismo, que reforçou a busca e a efetivação da mudança do regime Imperial para a República, ou seja, para a 1ª República. Neste período, as concepções filosóficas estavam calcadas no ideal positivista que mudou o foco político do País. O lema "Ordem e Progresso" tinha como pano de fundo, "só há progresso onde houver ordem, e só há ordem onde a

prática estiver subordinada a teoria"; mas na prática, permanecia como estava, a política do "café com leite" respaldada pelo coronelismo.

A Educação, neste período, vai contrapor-se à velha tradição humanística, tomando como veículo a integração das novas gerações no contexto social e político do País em dois níveis: a produção de teorias compatíveis com a nova situação política; a interpretação da realidade em vista do sub-sistema educacional, que assegurasse o sistema social vigente. Contudo, na prática a Educação estava em último plano.

A Constituição de 1891 no seu artigo 72 proscreeu o Ensino Religioso nos estabelecimentos oficiais de educação:

"Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos."

Entretanto, alguns célebres juristas colocaram-se contra a retirada do Ensino Religioso nos currículos oficiais. Anos antes da promulgação da Constituição, em 1883, Ruy Barbosa, no seu parecer da *Reforma do Ensino Primário*, propunha, no artigo 1, a laicização escolar, mas ao mesmo tempo, incluía o Ensino Religioso nesses termos:

"O ensino religioso será dado pelos ministros de cada culto, no edifício escolar, se assim o requererem os alunos cujos pais o desejem, declarando ao professor, em horas que regularmente se determinarão sempre posteriores às das aulas, mas nunca durante mais de 45 minutos cada dia, nem mais de três vezes por semana."

(FRANCA, Pe. Leonel, J.J., 1931. p. 130 e 131)

Ruy Barbosa censurou esta perspectiva atéia, porque acreditava ser o sentimento religioso uma segura fonte da moralidade de um país. No *Discurso Proferido no Collégio Anchieta*, em Nova Friburgo, o eminente jurista afirmou:

"Não é a soberania do povo que salva as repúblicas. Não são as urnas eleitoraes que melhoram os governos. Não é a liberdade política que engrandece as nações. A soberania constitui apenas uma força, a grande força moderna, entre as nações embebidas na justa aspiração de se regerem a si mesmas. Mas esta força popular ha mister dirigida por uma alta moralidade social. (...) O verdadeiro destino das liberdades políticas esta em revestirem e abroquelarem as liberdades civis, isto é, os direitos da consciência, da família e da propriedade. Essas três categorias de direitos ancoram na palavra divina, a saber, na divina constituição do homem. (...) É o vigor individual que faz as nações robustas. Mas o indivíduo não pode ter essa fibra e esse equilibrio, essa energia que compõem os fortes, senão pela consciência do seu destino moral associada ao respeito deste destino nos seus semelhantes. Ora, eu não conheço nada capaz de produzir na creatura humana em geral esse estado interior, sinão o influxo religioso. (...) Mas ainda não basta crer: é preciso crer definida e activamente em Deus, isto é, confessá-lo com firmeza e praticá-lo com perseverança."

(FRANÇA, Pe. Leonel, J.J., 1891. p. 132 e 133).

No discurso pronunciado no Colégio Anchieta, anos mais tarde, Ruy Barbosa, criticou violentamente a interpretação agnóstica da Carta de 1891:

"Ha, por ahi, uma feição peculiar de radecaes, emanações da França voltaireana, da França revolucionária, da França Jacobina, da França comtista, que imaginam engendrar a theoria de uma constituição à luz das tendências francesas, das relações francesas, das idiosyncrasias francesas."

(FRANÇA, Leonel, J.J., 1891, p. 130 e 131).

Alguns personagens célebres do Direito Constitucional da época, defenderam a permanência do Ensino Religioso nos Estabelecimentos Oficiais por considerarem que a exclusão dessa disciplina feria a liberdade da consciência.

Pedro Lessa, 1909, declarava em suas *Dissertações e Polêmicas*:

"As escolas completamente leigas, da quaes foi banido todo o ensino religioso, com razão observa Carlier, constituem uma offensa ao principio da liberdade religiosa."

(FRANÇA, Pe. Leonel, J. J., 1891, p. 133)

Segundo Padre Leonel França em seu livro *Ensino Religioso e Ensino Leigo- Aspectos, Pedagógicos, Sociais e Jurídicos*, de 1931, um dos

grandes erros da Constituição de 1891 foi o seu laicismo exagerado, que impunha o ensino agnóstico, sem distinção aos educandos.

Toda uma grande tradição jurídica formada por grandes juristas, alguns citados anteriormente, dispôs-se a favor da inclusão do Ensino Religioso sem caráter obrigatório nos Estabelecimento Oficiais, que ministravam uma educação leiga.

A propósito das emendas religiosas à Carta Magna, João Pandiá Calógeras, em 1925, declarou:

"Nada na Constituição vigente, impede que, sem prejuizo dos programma pedagógicos, e a pedido dos paes, seja ministrado nos proprios edificios escolares o ensino religioso.(...) Se se verificasse acaso que existem dúvidas sobre orthodoxia constitucional de tal modo de agir, sem exitação se deveria, então, aprovar a exegeze da lei e tornar bem claro que é perfeitamente licito o que a emenda propoz. Sua formulação foi absolutamente liberal... não há privilégio para credo algum; a vontade das familias é acatada."
(FRANCA, Leonel, J.J., 1891. p. 136)

O período de 1925 à 1937 foi marcado por dois acontecimentos: a Revolução de 30, que reforçou a necessidade de se entrar em novo período republicano, ou seja, 2º Período da República, e a ação integralista que provocou o golpe de Estado em 1937.

O Estado organizou-se com base nos ideais norte-americanos, tendo porém, ainda latentes os elementos europeus subordinados ao liberalismo e positivismo. O grande debate ideológico entre socialismo e o

facismo europeus chegou ao Brasil na década de 20, ativado pela Revolução de 1917 na Rússia e pela marcha sobre Roma dos facistas italianos.

O Decreto de 30 de abril de 1931 facultou o Ensino Religioso nos Estabelecimento Oficiais do ensino primário, secundário e normal. O Ministro da Educação, de então, alegou como motivo desse decreto:

"1º O fim da escola é educar, isto é, formar o homem; 2º Não é possível formar o homem sem um ideal de sua natureza e de seus destinos, isto é, sem uma concepção ethico-religiosa da vida; 3º Uma concepção ethico-religiosa da vida não a pode dictar o Estado, maxime um Estado leigo, sem violar o direito natural dos paes á educação dos filhos. 4º O ensino religioso, determinado pela vontade das famílias, impõe-se portanto, com a dupla necessidade de uma exigência pedagógica infrustrável e de um respeito jurídico ás liberdades espirituaes dos cidadãos."
(FRANÇA, Leonel, J.J., 1891. p. 140)

Este decreto causou muito protesto, e a tônica das discordâncias centrava-se na alegação de que ele feria a liberdade de consciência. O motivo da discordância não procede uma vez que o Ensino Religioso é facultativo, cabendo as famílias decidirem se seus filhos frequentarão ou não estas disciplinas. Ao contrário, a liberdade de consciência será ferida se não houver a possibilidade de escolha, que a inclusão do Ensino Religioso, em regime, facultativo, permite.

Em 1932, houve o Manifesto dos Pioneiros da Educação. Com a gratuidade a escola deixa de ser frequentada por minorias privilegiadas; sendo o ensino gratuito, o Estado pode torná-lo obrigatório.

O Nacionalismo caracterizou o período de 1937.

O Estado, visando a sociedade industrial nascente, utilizou-se da Educação por meio do ensino técnico e profissionalizante. O ensino civil foi visto como expressão do nacionalismo. As leis orgânicas retratavam o interesse sócio-político da época. Compunham um bloco de decretos símbolos da centralização do poder, tendo em vista o cidadão capaz de realimentar a ideologia do Estado.

No pós-guerra o liberalismo esteve em evidência. No campo do pensamento, as duas grandes guerras abalaram as certezas filosóficas.

O triunfo da destruição e da morte é testemunhado pelos existencialistas (Sartre, Camus, Heidegger, entre outros). Tão logo é esquecido o sofrimento traduzido pela destruição, surge o otimismo e com ele os neotomistas, neopositivistas, neomarxistas. Cada linha possuía seu eixo que influenciava a reflexão e prática política. Os primeiros, pregavam o amor universal com triunfo sobre a dor e sobre a morte. Os segundos, eliminar a miséria e o mal através da ciência e da técnica. Para os últimos a meta é a constituição de uma sociedade sem classes, para isto é preciso a revolução.

O pano de fundo do cenário brasileiro se caracterizava pela forte reação do regime totalitário do Estado Novo. Ao lado do crescimento demográfico individual, o controle dos recursos econômicos privilegiava os ricos. Acentuava-se a dependência do País aos Estados Unidos. A Aliança para o Progresso fornecia recursos financeiros e técnicos. O progresso foi a tônica da máquina ideológica, com as teorias do desenvolvimento. Em todos os setores foram criados e/ou intensificados as atividades dos Organismos Nacionais. Planos nacionais e setoriais constituíram-se em meios adotados na marcha do desenvolvimento.

O panorama educacional, em sua totalidade, passou por mudanças marcantes neste período, como: o processo de elaboração da

L.D.B. - Leis de Diretrizes e Bases, que foi lento, e refletiu a polêmica em torno da escola estatal e da escola particular. A Lei de Diretrizes e Bases, promulgada em 1961, nº 4024, representou duas tendências mais fortes: as responsabilidades e o direito, tanto do setor público, quanto do setor privado, de ministrar o ensino no País.

O fim da ditadura pedagógica do poder central, a flexibilidade e adequabilidade, os diferentes cursos no mesmo plano de igualdade, técnicos pedagógicos, o respeito às liberdades fundamentais foram pontos importantes da influência do liberalismo.

De 1964 à 1986 o Brasil teve como forma de governo o Autoritarismo.

Nos países da América Latina, a crise chamada "dominação burguesa", estimulou as forças armadas a acreditarem no que chamaram de "liberdade com autoridade", como oposição ao totalitarismo marxista. Já em Cuba a estratégia foi da Revolução, pois alimentava o objetivo de vencer o subdesenvolvimento. No restante dos países latinos, assistimos a grande influência dos Estados Unidos com seus padrões de desenvolvimento e consumo. O Brasil enquadrou-se nesta perspectiva e adotou a política do desenvolvimento, que tinha como tônica, do processo em efetivação, a ideologia da segurança nacional no fortalecimento do poder central.

O pano de fundo das propostas da modernização do ensino foi a expansão econômica. A Educação foi o meio de manutenção do sistema, através do uso da técnica.

Dois eixos articulam a política educacional: no plano horizontal, vários planos, no sistema de projetos; no plano vertical, o fortalecimento do modelo econômico-político, que visou a produção de uma nova sociedade padronizada.

Em 1971, foi promulgada a Lei 5692, que não atingiu qualitativa e quantitativamente a grande maioria dos brasileiros. Os poucos privilegiados foram preparados através de um ensino profissionalizante, para um mercado de trabalho em crise ou não existente.

A partir deste ano, 1993, a Educação Brasileira tem como norteadora uma nova Lei de Diretrizes e Bases.

CAPÍTULO 2
LEVANTAMIENTO LEGAL

2.1. Levantamento Legal do Ensino Religioso nos Estabelecimentos Oficiais do Município do Rio de Janeiro

1. Enumeraremos a seguir os dispositivos legais que regulamentam o Ensino Religioso.

i. i. Declaração Universal dos Direitos do Homem:

"Art. XVIII - Todo homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular."

Legislação Federal

2. Leis de Diretrizes e Bases de 1961, Lei 4024, Artigo 97º:

"O Ensino Religioso constitui disciplina dos horários das escolas oficiais, é de matrícula facultativa e será ministrado sem ônus para os poderes públicos, de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se for capaz, ou pelo seu responsável ou representante legal."

3. Constituição da República Federativa do Brasil, 1967, cap. IV, § 5 e título IV, art. 167, §3:

"O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas oficiais de graus primário e médio."

4. Lei 5.692 de 11/08/71, art. 7º, § Único:

"O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais dos Estabelecimento Oficiais de 1º e 2º graus".

Legislação Estadual

5. Lei estadual nº 2, de 15/07/74, título V, § 40:

"Nas Escolas Oficiais, o Professor de religião, para ensino de 1º e 2º graus, deverá pertencer ao Quadro de Magistério Estadual, devidamente habilitado em qualquer disciplina e ser credenciado por autoridade religiosa com jurisdição no Estado".

6. Parecer 540/77 do Conselho Federal de Educação, de 10/02/77:

"Referente ao tratamento que deve ser dado aos componentes curriculares de que trata o art. 7º da Lei 5.692/71".

7. Decreto "N" nº 742 de 19/12/66:

"Altera o regulamento aprovado pelo Decreto "N", nº 229, de 10/06/84, para adaptá-lo à reestruturação determinada pelo Decreto "N", número 630, de 01/07/66.

Legislação Municipal

8. Normas gerais à Educação Religiosa nas Escolas de 1º grau do Município do Rio de Janeiro (de acordo com o Decreto "N" nº 742, de 19/12/66). Essas são as seguintes normas:

8.1. As turmas de 5ª a 8ª série terão professor específico de Educação Religiosa.

8.2. As turmas de pré-escolar, 1ª a 4ª série e Classes Especiais, receberão atendimento religioso dado pelo próprio professor da turma, que receberá orientação do E-DEC.

8.3. O professor indicado para atender as turmas de 5ª a 8ª série em Educação religiosa, deverá ser PEM ou PP com licenciatura Plena ou cursando faculdade. Em qualquer destes casos deve possuir formação religiosa obtida em Faculdade de Teologia, Instituto Bíblico, Seminário ou Escola Catequética.

8.4. Só poderá ser professor de Educação Religiosa quem for credenciado pelo Departamento religioso e requisitado pela Assessoria de Educação Religiosa do E-DGED.

8.5. O professor atenderá aos alunos que possuam credo religioso idêntico ao seu.

8.6. O professor de Educação Religiosa é regente de turma e, portanto, sua carga horária segue o estabelecido no Decreto nº 883 de 04/03/1977 do Sr. Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro: 22 h 30 minutos semanais, regente de turma I.I. à 4ª série; regente de turma de 5ª série a 8ª série, 18 horas semanais.

8.7. Mensalmente todos os professores devem participar das reuniões dos Departamentos Religiosos (DAER-DERE-DERJ).

8.8. Essas reuniões terão duração de 5 (cinco) horas e estarão incluídas na carga horária normal dos professores.

8.9. A assistência técnica em Educação Religiosa aos professores de pré-escolar, de 1ª a 4ª série e Classes Especiais será dada pelo Supervisores do E-DEC.

8.10. O Supervisor do E-DEC poderá dar atendimento religioso aos alunos quando não houver professor para tal.

9. As Aulas de Educação Religiosa.

9.1. Cada escola deverá incluir a Educação Religiosa na grade curricular, fazendo parte do horário normal dos alunos.

9.2. O aluno deverá assistir às aulas do seu credo específico e só terá dispensa caso o responsável o requeira à Unidade Escolar.

9.3. Cada Unidade terá 1 (uma) hora aula de Educação Religiosa por semana.

9.4. As aulas de Educação Religiosa não substituem o trabalho das Comunidades Religiosas.

10. Núcleos de Formação Religiosa.

10.1. O Núcleo de Formação Religiosa tem por finalidade atender o maior número possível de alunos, engançando-os na ação da Comunidade Religiosa local.

10.2. O Núcleo deverá atender à clientela da Unidade Escolar onde se encontra localizado e, à das Escolas próximas, quando for possível.

10.3. A ação do Núcleo é extensiva a professores e pais de alunos.

10.4. Poderão ser realizados nos Núcleos as seguintes atividades:

- . reuniões com pais e professores de 1ª a 4ª série;
- . atividades teatrais e musicais;
- . centro de estudos;
- . publicação de jornais;
- . desenvolvimento de campanhas;
- . comemorações;
- . visitas;
- . intercâmbio com outras entidades civis ou religiosas.

10.5. Os grupos de alunos que atendimento no Núcleo serão organizados pelos professores de acordo com o credo a que pertençam e de forma a tender aos interesses dos alunos e às necessidades gerais da escola.

10.6. O horário de funcionamento do Núcleo é estabelecido pelo professor de Educação Religiosa junto ao Diretor da Escola.

10.7. O Supervisor do E-DEC atenderá aos alunos do Núcleo, caso haja necessidade de suprir a falta de professores credenciados para o ensino das três religiões credenciadas junto à Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

11. Controle e Avaliação

11.1. Todos os professores de Educação Religiosa deverão enviar ao E-DEC, mensalmente, o relatório de atividades desenvolvidas, assinado pelo Diretor da Escola.

11.2. O professor que não comparecer à reunião dos Departamentos Religiosos deverá encaminhar justificativa ao E-DEC e este à AER.

11.3. A participação do professor de Educação Religiosa no COC é imprescindível.

Minuta de Projeto de Lei para Credenciamento de um Credo Religioso

A Divisão do Ensino Religioso, anteriormente chamada Assessoria de Educação Religiosa, elaborou uma Minuta de Projeto de Lei para Credenciamento de um Credo Religioso a fim de que fosse apreciado e aprovado pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, Não houve a aprovação, mas extra-oficialmente as atividades da Divisão do Ensino Religioso são regidas pelas determinações que constam nesta Minuta.

Transcrevemos, na íntegra, o conteúdo da Minuta enviada à Assembleia Legislativa.

"CONSIDERANDO que, face ao disposto na Constituição federal (Art. 176, § 3º, Inciso V), assim como na Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, § Único do Art. 7º, 'o Ensino Religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas oficiais, de 1º e 2º Graus;

CONSIDERANDO que o Conselho Federal de Educação já esclareceu que o credenciamento de professores de Religião pertence 'à esfera de competência da autoridade de cada confissão religiosa, independentemente de registro de diploma ou certificado nos Órgãos do MEC' (Par. nº 2.698/74, inserto na Documenta nº 166, pág.52);

CONSIDERANDO que, segundo pronunciamento, ainda, do citado Conselho Federal de Educação, estabelecer os objetivos do Ensino Religioso e seus conteúdos 'é atribuição específica das diversas autoridades religiosas'. (Par. nº 540/77);

CONSIDERANDO que integra a estrutura da Secretaria de Estado de Educação uma Coordenação de Educação Religiosa (Art. 3º, Inciso IV, Sub-Item 1.10 do Regimento Interno, conforme modificação introduzida pela Resolução nº 77/77 - SESC, art. 8º), e da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, uma Assessoria de Educação Religiosa, o que evidencia o propósito do Poder Público Estadual e Municipal em cumprir os preceitos legais atinentes ao Ensino Religioso nas Escolas Oficiais;

CONSIDERANDO que, a teor do art. 299 da Constituição Estadual, continua em vigor o Regulamento do Ensino Religioso nos estabelecimentos de ensino do extinto da Guanabara, aprovado pelo Decreto "N" nº 742, de 19 de dezembro de 1966;

CONSIDERANDO que o Ensino Religioso nas escolas oficiais envolve interesses e competências das autoridades civis e religiosas que devem, portanto, agir harmonicamente, num procedimento de mútua colaboração e recíprocos entendimentos;

CONSIDERANDO que a EDUCAÇÃO RELIGIOSA ESCOLAR tem como tarefa educar a Fé, empenhando-se numa metodologia que inclua, sob forma de processo permanente por etapas sucessivas, a conversão, a fé em Deus, a vida em comunidade;

CONSIDERANDO que, para haver credenciamento de professores para o Ensino Religioso, faz-se mister que o Credo Religioso esteja devidamente credenciado junto à respectiva Secretaria de Educação do Estado do Município do Rio de Janeiro;

CONSIDERANDO que há o máximo interesse em que os professores de Religião sejam os da própria rede Oficial, liberdos para tanto, pois assim se evitará a utilização de Cursos de Religião como vestibulo para ingresso no funcionalismo público;

CONSIDERANDO que o curandeirismo ou a prática ilegal de Medicina é severamente punida pelo Código Penal (Art. 317 do Dec. Lei nº 1.004, de 21 de outubro de 1969,

A Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro resolve:

Art. 1º - Terão direito ao credenciamento de professores para o Ensino Religioso, nos Estabelecimentos Oficiais de Ensino Do Rio de Janeiro, todas as religiões credenciadas junto à Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

Art. 2º - O credenciamento de Religiões que desejarem ministrar o Ensino Religioso de seus respectivos credos nas Escolas Oficiais do Município do Rio de Janeiro obedece aos seguintes critérios:

I - Possuam um credo definido e não doutrinas vagas, ou uma filosofia de vida, um código de moral ou um conjunto de ritos;

II - Tenham culto dirigido a Deus, em louvor e adoração, modo que procurem aproximar da Divindade os seus adeptos, não só em caráter pessoal e particular, mas também em âmbito social e comunitário;

III - não pratiquem a medicina ilegal sob forma de curandeirismo, ministrado através de diagnósticos, ritos, fornecimento de receitas ou substâncias tidas como terapêuticas, e conste isto publicamente;

IV - respeitem a higiene física e psíquica dos seus clientes, dentro dos preceitos das ciências e da saúde;

V - respeitem a lei natural, segundo a qual não é ilícito matar, roubar, explorar o próximo, bem como não cometam abusos contra a ordem e os bons costumes, como beberagem, embriaguês, orgias, adultérios, desonra do próximo, indução ao suicídio e coisas semelhantes;

VI - respeitem as crenças religiosas alheias, ficando vedada toda forma de proselitismo;

VII - tendo como responsável uma entidade religiosa representativa, como personalidade jurídica.

Art. 3º - A autoridade competente de qualquer religião legalmente constituída só poderá requerer à Secretaria Municipal de Educação e Cultura permissão para ministrar o respectivo Ensino nas Escolas Oficiais do Município do Rio de Janeiro se organizar um Departamento específico a nível da respectiva Religião para esse fim.

Art. 4º - A autoridade competente, mediante o seu departamento específico, poderá requerer permissão para ministrar aulas de sua religião, desde de que obedeça aos seguintes requisitos:

I - apresente documento hábil que comprove ser personalidade jurídica, representativa, em todo Estado, do respectivo credo religioso, com a extensão e a qualidade dos poderes outorgados, inclusive, quanto aos programas a estabelecer;

II - apresente uma exposição completa do credo doutrinário da respectiva Religião, que demonstre estar este credo religioso de acordo com as normas estabelecidas no artigo 2º acima,

Art. 5º - São atribuições do Departamento Religioso de cada credo:

I - indicar e credenciar, em sua esfera específica, os professores e coordenadores do respectivo Ensino Religioso;

II - realizar cursos de formação para os respectivos professores;

III - elaborar os programas e definir os métodos a adotar.

Art. 6º - A administração e o controle do Ensino Religioso serão exercidos por intermédio da Assessoria de Educação Religiosa, subordinada, a nível administrativo, ao Departamento Geral de Educação.

Art. 7º - Compete à Assessoria de Educação Religiosa:

I - orientar, coordenar e gerenciar, a nível de normatividade, as atividades na área de Educação Religiosa;

II - manter constante relacionamento com professores de Educação Religiosa, através de seminários, encontros e reuniões, propostos em projetos aprovados pelo Departamento Geral de Educação;

III - atuar como elemento de ligação entre o Departamento Geral de Educação e as autoridades religiosas que se credenciarem para ministrar o Ensino Religioso;

IV - divulgar a orientação das autoridades religiosas, a nível de conteúdo;

V - Credenciar novas religiões, através de Parecer conjunto com os diretores dos Departamentos das Religiões credenciadas.

Art. 8º - A Secretaria Municipal de Educação e Cultura, através de unidade orgânica específica, tendo em vista as indicações feitas pelos Departamentos Religiosos, providenciará os respectivos atos de liberação dos professores para ministrarem o Ensino Religioso nas escolas oficiais do Município do Rio de Janeiro.

§ Único - Caberá à Assessoria de Educação Religiosa analisar os processos de liberação de professores, encaminhando-os para entrevista com a autoridade religiosa do respectivo Departamento.

Art. 9º - Só poderão ser indicados para o Ensino Religioso nas Escolas Oficiais do Município do Rio de Janeiro, os professores que atenderem às seguintes condições:

I - pertençam ao quadro do Magistério Público Municipal;

II - tenham sido credenciados pela autoridade religiosa competente.

§ Único - Fica reconhecido à autoridade religiosa o direito de cancelar, a qualquer momento, o credenciamento concedido, sempre em comum acordo com a Assessoria de Educação Religiosa.

Art. 10º - A ASSESSORIA DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA manterá atualizado o cadastro de professores liberados para o Ensino Religioso.

Art. 11º - Os professores liberados para o Ensino Religioso ficarão obrigados ao mesmo regime de trabalho a que achavam sujeitos na data da liberação, fazendo jus a todas as vantagens e direitos inerentes ao cargo que exercem.

Art. 12º - Excepcionalmente, poderão ser aceitos estagiários para o Ensino Religioso, indicados pela autoridade religiosa do respectivo credo, obedecida a respectiva legislação atinente à matéria.

2.2. Levantamento Estrutural do Ensino Religioso no Município do Rio de Janeiro

A Divisão de Ensino Religioso da Secretaria do Município do Rio de Janeiro possui três credos: o Católico, o Protestante e o Judaico, que têm respectivamente um representante na Divisão. Os representantes mais a chefia geral são responsáveis pela Metodologia do Ensino Religioso nos Estabelecimentos Oficiais do Município, pelo cadastramento do corpo docente e por todos aspectos que se relacionem com o mesmo.

O planejamento metodológico é elaborado em reuniões periódicas, às quintas-feiras.

O cadastramento do corpo docente do Ensino Religioso inicia-se na Escola. A diretora dessa escola solicita, de acordo com sua filosofia

administrativa, um professor de seu quadro docente para lecionar um dos credos na disciplina. Por outro lado, se houver algum professor que deseje ministrar essa disciplina, poderá se apresentar à diretora da escola propondo seu nome.

A diretoria procederá da mesma forma em ambos os casos: encaminhará o nome do professor à Divisão do Ensino Religioso para ser cadastrado.

A Divisão de Ensino solicita ao postulante uma carta do seu diretor espiritual, quer padre, quer pastor ou quer rabino, que comprove a inclusão do professor na sua comunidade religiosa. Isto se deve a importância que a Divisão de Ensino Religioso dá à prática religiosa.

O professor, munido dessa carta, é entrevistado pelo chefe da Divisão do Ensino Religioso do credo que o professor pretende lecionar, para obter o seu credenciamento. No caso, Departamento de Ensino Religioso Arquidiocesano do Rio de Janeiro para os católicos; Departamento de Ensino Religioso Evangélico, ligado à OMEB (Organização Mundial de Evangelização Brasileira), para os protestantes; e Departamento do Rabinado para os judeus.

O credenciamento é a única incursão da autoridade religiosa no Ensino Religioso dos Estabelecimentos Oficiais do Município.

Então, para ter a aprovação e licença para lecionar o Ensino Religioso é necessário que o professor atenda os seguintes critérios: pertença ao quadro da Carreira do Município, seja cadastrado na Divisão de Ensino Religioso da Secretaria Municipal de Educação e seja credenciado pelo Departamento de Ensino Religioso do seu credo.

Todo o município conta 217 professores credenciados.

Não é exigido ao docente o curso de Teologia, uma vez que oficialmente não há a carreira de Professor de Religião nos Estabelecimentos Oficiais de Ensino do Município.

2.3. Levantamento Curricular e Metodológico do Ensino Religioso no Município do Rio de Janeiro

O Ensino Religioso, como disciplina integrante do Sistema Educacional do Município do Rio de Janeiro, visa, em seu currículo, estimular o educando a encontrar o equilíbrio do seu ser, incentivando a vivência dos valores humanos e religiosos até uma construção de uma fé consciente, partindo do princípio que o ser é formado de corpo, alma e espírito.

O espírito e a alma representam os dois lados da substância não física do homem. Embora distintos, o espírito e a alma são inseparáveis, interagindo um com o outro.

Este espírito constitui-se no centro e fonte da vida humana; a alma possui, usa essa vida e lhe dá expressão por meio do corpo.

Entendemos que o Ensino Religioso trabalhará as dimensões alma e corpo do ser humano. O espírito não se enquadra nesta estrutura, uma vez que ela é educacional e não religiosa - no sentido de ser o espaço para os exercícios dos ritos e dos credos.

A dimensão corpo e alma apresenta-se no mundo ocidental desde a Antiguidade Clássica. Exemplo disso é a obra Platônica que concebia dois mundos. O Inteligível - das idéias puras e Sensível, em que habitamos.³

No Inteligível encontramos as divinas essências, as Verdades: Deus, o Belo, o Bom, a Sabedoria, o Amor, a Justiça, etc. No Sensível, as realidades concretas são simples sombras ou reflexo das idéias puras. As almas que são imortais, habitam o mundo das idéias, incorporeamente. Encarnadas, vivem na dimensão sensível, mas conservam, na memória, recordações do mundo inteligível, que podem ser avivadas através da busca, de cada homem, de uma vida mais compatível com as Verdades Eternas.

Na nossa maneira de ver, a Educação Religiosa, deveria se dar como um caminho que instrumentalizasse o educando em seu percurso rumo à vida mais de acordo com a Verdade Eterna no sentido cristão, isto é, de solidariedade, de amor ao próximo, de respeito, etc. - bases seguras para vivência da dignidade humana.

O educando passaria a se conhecer então como pessoa humana, que procura plena realização do desenvolvimento de dimensões do seu ser.

Neste processo é importante considerar e respeitar o aluno em seu grupo social, as características desse grupo social ; em seu contexto sócio-econômico e político. Nesse grupo social está inserido sua família, sua escola, sua igreja.

O educador precisa ter ciência do ambiente familiar dos seus alunos, pois é a partir dessa realidade, que ele vai poder analisar e compreender as raízes e origens dos seus alunos.

É necessário também, que o educador acompanhe a relação dos educandos, na escola, com as outras pessoas e em sua comunidade.

O homem se realiza quando todas as dimensões do seu ser são desenvolvidas: somática ou corpórea, volitiva, social, cultural, criativa, lúdica, religiosa, sapiencial, outras mais. Suas aspirações dependem dos valores que concebe e vivencia. Se seus valores forem máus, as suas aspirações terão uma ótica distorcida. Por exemplo, um líder empresarial com valores distorcidos terá uma tendência a fazer contratos ilícitos, a sonegar impostos, pois falarão mais alto a sua sede de poder e ascensão, e o esquecimento do compromisso social de sua empresa. Mas se os valores deste homem estiverem alicerçados na moral, na dignidade, na bondade, seus atos empresariais refletirão este alicerce.

O homem que almeja o conhecimento do seu ser procura respostas para perguntas como: é alguém para que, para quem, por quê?

Quando encontra respostas, torna-se muito mais humano, pois passa a compreender-se e, conseqüentemente, a compreender e a valorizar o outro.

Na perspectiva da Secretaria Municipal de Educação, a disciplina Ensino Religioso tem como objetivo geral a dignidade do homem. Para tanto, procura promover a interação fé e vida ao criar situações de reflexão da experiência do homem com Deus, respeitando a tradição familiar, a liberdade, a crença e o direito do aluno. Colabora com o desenvolvimento do senso crítico, a percepção global da realidade e da pluralidade dos fatos e dos acontecimentos.

O professor de Ensino Religioso direciona o seu aluno em sua dimensão religiosa para se tornar um ser:

Existencial

. Que tem consciência de que existe. Daí as interrogações: Quem sou? De onde venho? Para onde vou? Que sentido tem a minha existência?

. Para quem a vida é um dom à ser preservado.

. Para quem a morte é uma realidade concebida como mistério.

Místico

. Que percebe as suas limitações como ser incompleto, inacabado, mais admite a existência de um ser completo, capaz de todo bem, dotado de todas as perfeições que anseia atingir. A sua abertura para este ser, se faz numa busca de relação com Ele - de quem tudo depende para ser feliz.

Ser em comunhão

. Que não nasceu para viver sozinho.

. Para quem crescer é tornar-se reconhecido como pessoa na medida em que se deve relacionar-se com os demais.

. Para quem a sua realização como pessoa só é possível na medida em que está em comunhão: consigo mesmo, com a família, com a natureza, com o outro, com a comunidade e com Deus.

Simbólico

. Que comunica-se através de símbolos, gestos, sons, palavras faladas ou escritas e linguagem.

. Distinguido pela comunicação e que tanto reconhece quanto é reconhecido como centro de todos os valores.

. Que pensa, reflete, decide e transmite o seu mundo interior. Em seu mundo interior reside o mistério da vida: nele encontra-se, Deus que reconhece como um ser superior. Seu conhecimento de Deus é manifesto através de gestos simbólicos, ligados a vida e a seu sentido último.

O educador trabalha na vida do educando:

. Favorecendo a formação da consciência moral, por exemplo, bem e mal, certo ou errado, lícito e ilícito, etc., onde os valores fundamentais são compreendidos e vivenciados.

. Alimentando a capacidade crítica do educando para passar da consciência ingênua à consciência crítica, a fim de que se esforce na construção de uma sociedade comprometida com o bem comum.

. Dispertando-o para consciência e prática dos valores morais, religiosos e democráticos.

. Contribuindo para o fortalecimento das experiências de comunhão e fraternidade na escola, possibilitando uma maior participação e compromisso no dia-a-dia e na comunidade da fé a que pertence.

. Levando-o a descobrir o verdadeiro sentido da vida através das questões que formula e das respostas que obtém à luz da ciência, fé e cultura.

.Levando-a encontrar a razão das manifestações da fé através do culto e dos gestos simbólicos que favorecem a sua experiência religiosa como ser em relação aos demais.

.Favorecendo a compreensão da vida como manifestação da força e da presença de Deus no mundo e nas pessoas, numa atitude de admiração acolhida, senso do sagrado e responsabilidades.

.Levando-o a buscar uma síntese entre ciência, fé e cultura, por meio da experiência, reflexões, estudos e outras práticas educativas que favoresem o aprofundamento na fé.

.Levando-o a chegar a compreensão de sua vida como dom gratuito, com dimensões a serem desenvolvidas e não multiladas.

.Levando-o a consciëntizar-se da presença de Deus nos acontecimentos de sua vida para que disponha-se, cada vez mais e de forma consciente, ao transcendente.

A proposta do Ensino Religioso pode atingir a família e a toda a sociedade através do educando, uma vez que:

.Desperta a família e a sociedade para o seu papel na preservação dos valores morais, religiosos e democráticos.

.Promove a integração e a participação delas no processo educacional, tornando as relações de poder mais fraternais e participativas.

.Suscita nos diferentes setores da sociedade a consciência de que o Estado está a serviço da população, sendo o administrador de seus bens e não "senhor", das decisões relativas a este bem, dentre eles os valores culturais e religiosos.

.Conscientiza a sociedade do papel do Município, que, ao incluir no currículo oficial o Ensino Religioso, não tem a missão de formar "crentes", mas

a de garantir meios necessários para o desenvolvimento da dimensão religiosa do cidadão.

.Ajuda a descobrir os valores perenes contribuindo para a geração de seres humanos com menos problemas individuais e coletivos.

.Ajuda a família a pleitear uma educação de qualidade para os seus filhos: a que dê à vida um significado mais profundo; que supere a tendência de produzir letrados e técnicos na busca de proveitos e segurança pessoal - indivíduos preparados para lutar apenas pelo interesse próprio esquecendo-se da coletividade.

O papel do Ensino Religioso na escola é também:

.Divulgar o Evangelho no ambiente da Educação.

.Promover a fraternidade, justiça, a lealdade, a co-responsabilidade, entre todos os setores da escola.

.Desenvolver em seus componentes a capacidade de pensar, sentir e agir com retidão e honestidade.

.Sensibilizar a comunidade educativa para o sentimento dos valores que partem do princípio que o homem é pessoa dotada de inteligência e livre arbítrio, com direitos e deveres provenientes de sua natureza.

.Iluminar com a palavra de Deus, a prática educativa.

.Abrir espaços para que educandos e educadores vivam juntos os valores evangélicos, transformando a escola num lugar privilegiado da educação da experiência comunitária e crescimento mútuo.

.Ajudar os educandos a valorizar a própria crença transmitida pela família e a respeitar a dos outros, dentro e fora da escola.

.Denunciar os modelos de Educação gerados pelas ideologias alimentadoras do sistema injusto que facilitam as relações de dominação e impedem a participação e a comunhão.

·Ser um sinal profético no mundo diante de situações de injustiças, opressão e desumanização decorrentes de uma estrutura anti-democrática e anti-cristã.

·Ser um agente integrador de forças que alimentam a ação educativa com todas as disciplinas situações e agentes da escola.

O Ensino Religioso, neste prisma, concorre para educação que forme homens novos ricos de esperança, fortes na fé, livres, inteligentes, capazes de conviver com os demais sem mágoa, sem ressentimentos, na consciência de serem indivíduos criados a imagem e semelhança de Deus.

O homem é um ser social. Por isso ele, associado aos companheiros, originam a sociedade, que vem modificando-se, ao longo dos séculos, conforme as maneiras diferentes do homem encarar a vida.

A sociedade compõe-se de instituições sendo que a Escola é a primeira que o homem compartilha fora de suas origens familiares.

Segundo o *Caderno de Sugestões Metodológicas* da Secretaria Municipal de Educação, a escola, em nossa sociedade, foi criada justamente para resolver a questão de transmissão de conhecimentos historicamente construídos e socialmente valorizados, refletindo na sua organização interna as contradições de cada momento histórico.

Em parte concordamos com esta posição, mas consideramos que ela esqueceu-se de um aspecto importante presente na escola. Ela não é uma mera transmissora dos conhecimentos, e sim um agente na construção do educando e do educador. Ver a escola apenas transmitindo os saberes desenvolvidos pelo homem significa entender o professor apenas como transmissor e o aluno como um receptáculo passivo.

Hoje, a importância de um método educacional de análise da realidade acha-se no fato dele conseguir desvelar as contradições vivenciadas

abrindo caminho para novas sínteses. Assim, a escola deve partir da realidade concreta do aluno e de seus conhecimentos, possibilitando o debate sobre as questões do tempo, da tradição, da cultura, bem como a construção de conceitos científicos que permitirão o retorno à realidade, já agora de uma maneira crítica que possibilite opções conscientes.

Trabalhando as contradições, reconstruindo a auto-estima e reelaborando os conhecimentos oriundos da tradição, a partir da realidade experienciada pelos alunos, a escola (educadores e educando) estará caminhando para uma nova síntese - uma sociedade democrática e voltada para o sucesso individual e coletivo. Este tipo exige dos educadores uma metodologia do trabalho que concretize o planejamento e a avaliação cooperativas, pautadas na problematização do saber.

Estes são os principais objetivos do *Caderno de Sugestões Metodológicas* utilizado por todos os professores de Ensino Religioso da Rede Municipal do Rio de Janeiro como roteiro de plano de aula.

O *Caderno de Sugestões Metodológicas*, alicerce da estrutura do plano de aula do Ensino Religioso, contém atividades a serem desenvolvidas para melhor viabilização dos "Fundamentos". Este material não apresenta soluções, mas procura sugerir maneiras de encontrá-las. Não é um fim em si mesmo, porém, um meio para atingir os objetivos educacionais propostos. Tais objetivos deverão ser o centro do planejamento voltados para a democratização da escola e da sociedade. Neste sentido, eles representam a destinação final e, ao mesmo tempo, os marcos do caminho traçado pela própria escola, possibilitando a reavaliação cotidiana de suas ações e a tomada de novas decisões que possam configurar o sucesso de todos - direção, funcionários, professores e alunos.

No primeiro seguimento trabalha-se com dois eixos metodológicos: Jogo e Texto, porque é a criança se relaciona com o conhecimento de maneira lúdica, unindo o interesse e inteligência. Além desta

indicação, a Secretaria Municipal de Educação não prescreve nenhuma outra. Isto nos leva a crer que o professor orientará suas aulas da maneira que lhe aprouver.

Em relação ao segundo seguimento a situação modifica-se, pois a criança já possui uma certa maturidade, que permite o aprofundamento conceitual em áreas específicas. Por isso, há um conceito-chave norteando cada aula.

O conteúdo programático dos três credos gira em torno do *Gênesis*, livro comum as três religiões. O católico e evangélico abordam também a Redenção presente nos Evangelhos.

Nossa análise metodológica se deterá ao ensino ministrado aos católicos e aos evangélicos, por não dominarmos a tradição judaica e sem este conhecimento fica difícil analisarmos como esta tradição é passada aos alunos.

Os três credos trabalham seus conteúdos da seguinte forma:

1. Evangélico

1.1. Arco-Iris

Conceito-Chave: Aliança

Indicação: 5ª e 6ª séries

Objetivo: Refletir sobre o cuidado e o Amor de Deus aos homens, revelado na Bíblia, através da ALIANÇA feita com os Patriarcas e com o povo de um modo geral.

1.2. Leitura e Pesquisa do Evangelho de Lucas

Conceito-Chave: Redenção

Indicação: 5ª a 8ª série

Objetivo: Concluir que a vida nova oferecida por Jesus Cristo é capaz de redimir o homem.

1.3. O Mundo Criado por Deus (A Criação)

Conceito-Chave: Revelação

Indicação: 5ª e 6ª séries.

Objetivos: Refletir sobre a criação como uma das formas do Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo revelar-se ao mundo.

Reconhecer a criação de Deus através de fatos do cotidiano.

1.4. A Necessidade que temos de assumir compromissos na vida e discussão, troca de idéias com base em Êxodo 20:1-17; 24:1-11; Jeremias 31:31-34p; Hebreus 8:8-12.

Conceito-Chave: Aliança

Indicação: 7ª e 8ª séries

Objetivo: Compreender que nas alianças firmadas com o ser humano, Deus sempre deu ao homem a oportunidade de assumir, ou não, compromissos com Ele.

Ver anexo 1

2. Católico

2.1. "Felizes os que tem sede e fome de justiça"

Conceito-Chave: Aliança e Redenção

Indicação: A partir da 6ª série

Objetivos: Analisar a realidade quanto ao anúncio e vivência real dos direitos fundamentais do ser humano.

Reconhecer nas manifestações culturais, de hoje, anúncio e denúncia de questões que afetam (em todas as épocas) a realização do homem.

Reconhecer na palavra revelada pela Bíblia uma resposta aos anseios humanos de uma vida na justiça e na fraternidade.

Reconhecer na pessoa e na mensagem de Jesus Cristo uma proposta de vida, de construção da sociedade onde a justiça fundamenta a paz.

2.2. Bíblia - Deus se revela na história de um povo

Conceito-Chave: Redenção

Indicação: 5ª série

Objetivos: Identificar a Bíblia como registro da experiência de um povo que percebe Deus na sua história.

Reconhecer a atualidade da palavra de Deus revelada na Bíblia.

2.3. Ser alguém (Discussão a partir de Texto)

Conceito-Chave: Revelação

Indicação: 5ª a 8ª série

Objetivos: Criticar as imagens que recebemos sobre o ser humano.

Perceber o valor da pessoa humana enquanto ser que pensa, se relaciona, age, cria, transforma, ama... - ser que é "alguém".

Identificar na palavra revelada pela Bíblia sinais da dignidade do ser humano.

Ver anexo 2

3. Judaico

3.1. "A Natureza e o Judaísmo"

Conceito-Chave: Criação

Indicação: 5ª ou 6ª série

Objetivos: Preservar a criação pela compreensão de que a religião judaica esta diretamente ligada aos fenômenos da natureza.

Vivenciar momentos festivos tradicionais, participando ativamente de comemorações litúrgicas.

3.2. "SHAVUOT" - O significado das festas. Costumes/Tradições

Conceito-Chave: Revelação

Indicação: 5ª a 8ª série

Objetivos: Conhecer os vários significados da Festa de Shavuot.

Identificar os diversos nomes da Festa de Shavuot.

Reconhecer a colheita como dádiva divina. Conhecer o valor universal dos dez mandamentos.

3.3. "CHANUCÁ" - Festa das Luzes

Conceito-Chave: Revelação

Indicação: 5ª a 8ª série

Objetivos: Refletir sobre a importância da conservação dos preceitos judaicos mantidos pela tradição - as velas de Chanucá.

Festejar fatos históricos judaicos.

Refletir sobre a valorização da palavra de D's através da preservação de valores e tradições judaicas.

Vivenciar momentos festivos tradicionais, participando ativamente de comemorações litúrgicas.

Perceber o significado da milagrosa vitória judaica comemorada através dos tempos.

Ver anexo 3

Ao analisarmos o processo metodológico dos credos: evangélico e católico, observamos que seus processos são invertidos.

O Ensino Religioso Evangélico transmite o conteúdo bíblico e, em seguida, aplica-o na realidade dos alunos. Por exemplo, o objetivo do 1.2. é mostrar que o homem pode ser redimido através da redenção de Jesus Cristo. Este objetivo é alcançado buscando aplicar na vida do aluno, conceitos como coragem e destemor no enfrentamento das lutas e dificuldades da vida. Portanto, o Ensino Evangélico passa da Bíblia para a vida.

O Ensino Religioso Católico reconhece a realidade, a vivência dos educandos, utiliza-se de recursos culturais e humanos para depois aplicar o conteúdo bíblico. Em suma, o Ensino Católico aplica o conteúdo da Bíblia em relação a realidade do educando. Por exemplo, se o objetivo da aula for analisar a realidade quanto ao anúncio e a vivência real dos direitos fundamentais do ser humano e denunciar nas manifestações culturais atuais a realização do homem, a aplicação será reconhecer na palavra revelada pela Bíblia uma resposta aos anseios humanos de uma vida na justiça e na fraternidade, e ainda relacionar a justiça no sentido cristão com o amor - fundamentos para paz.

Não entraremos no mérito de apontar qual a melhor metodologia, uma vez que cada uma é elaborada de acordo com os princípios e postura de seus credos.

CONCLUSÃO

O trabalho desenvolvido pela Divisão do Ensino Religioso, como foi visto, tem uma proposta séria de Educação, onde a formação do educando não visa somente ao intelecto e à razão, mas também ao questionamento dos valores morais ao centrar-se sobretudo, na reflexão do que venha ser dignidade humana.

Contudo, há fatores que vêm impedindo a concretização deste ensino, porque os valores gerados pela sociedade estão em descompasso com os valores presentes na Palavra de Deus, base da educação religiosa. Por exemplo, o sabido não é aquele que detém o saber, mas o que sabe passar os outros para trás; a linguagem coloquial tornou-se sinônimo de linguagem vulgar, pois está recheada de palavões e outras palavras que desmeressem o ser humano.

Segundo a diretora da Divisão do Ensino Religioso, inexistente a evasão nessa disciplina, pois os alunos não procuram a disciplina uma vez que professam outros credos diferentes dos lecionados. Ela não considera como evasão dos alunos o fato de eles não se matricularem nessa cadeira. Quanto à evasão propriamente dita, conforme o parecer desta Diretora, inexistente.

Consideramos esta afirmativa muito evasiva por alguns motivos.

A Divisão do Ensino Religioso não possui nenhuma estimativa da quantidade de alunos frequentes e das desistências.

Uma vez que a disciplina é facultativa, não reprova, e sabendo-se da situação atual da Educação Brasileira, onde os alunos não querem estar em sala de aula, torna-se muito difícil acreditar na inexistência de evasão.

O professor da cadeira da disciplina não possui a formação específica em Teologia, o que muitas vezes diminui a sua motivação de trabalhar o conteúdo: Falta a ele a segurança de uma base teológica que lhe permitiria ir

além da metodologia elaborada pela Divisão, tornando as aulas mais dinâmicas e interessantes.

A não exigência da formação teológica para os professores que ministram o ensino religioso nas escolas municipais, a exemplo do que ocorre em qualquer outra disciplina da grade curricular, é uma questão com a qual não concordamos. Existem seminários de Teologia reconhecidos pelo Ministério da Educação que licenciam docentes. Um professor que passa pelo seminário tem muito mais domínio do conteúdo programático, o que proporcionará maiores possibilidades para desenvolver recursos didáticos que tornem as aulas mais atrativas através de atividades dinâmicas onde entram música, slides, filmes, textos atuais, peças teatrais - instrumentos que não desvalorizam o conteúdo, mas que contribuam para a realização do objetivo.

O Ensino Religioso poderia usar o seu espaço para discutir, numa visão antropológica e teológica, questões ligadas a moral humana e ainda introduzir conceitos e posicionamentos de credos diferentes do lecionado, para ampliar o horizonte dos educandos aumentando-lhes a tolerância para com os diferentes. Até tenta-se alcançar este objetivo, como está presente no *Caderno de Sugestões Metodológicas*. Entretanto, temos dúvidas quanto à concretização efetiva do mesmo, uma vez que falta a formação teológica e sobra tabús em relação a vivência religiosa, que fazem com que o concreto equivalha somente aquilo no qual se acredita.

Apesar das falhas existentes a disciplina Ensino Religioso possui grande importância para formação do ser humano, pois é um espaço que pode ser aproveitado para resgatar, desenvolver, e questionar valores éticos, religiosos, que acompanham toda e qualquer sociedade.

Nota

1 e 2. - As duas citações, a princípio, podem parecer paradoxal, mas isso não acontece uma vez que cremos ser Deus o Criador do homem. Entretanto, o homem em busca de sua existência vasculhou caminhos de forma que explicasse a sua criação de um modo racional e nestes caminhos, frequentemente vivencia a sua compreensão da divindade a partir da maneira como pode aprendê-la. Neste sentido o homem é um ser criado a semelhança de Deus sim, mas também constrói Deus conforme a sua experiência.

3 - Nicola José . Literatura Portuguesa da Idade Média . p.64, 65.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

1. ALVES, Rubem. O Enigma da Religião. ed. Papirus, 1988.
2. CNBB, Estudos. Educação Religiosa nas Escolas. ed. Paulinas.
3. BRASIL. Secretarial Municipal de Educação e Cultura. Minuta de Projeto de Lei para Credenciamento de um Credo. Assessoria de Educação Religiosa. (Rio de Janeiro).
4. BRASIL. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. O Ensino Religioso da História do Brasil. Assessoria de Educação Religiosa. (Rio de Janeiro).
5. BRASIL. Secretarial Municipal de Educação e Cultura. Sugestões Metodológicas 2º seguimento 1º grau. Divisão de Ensino Religioso. (Rio de Janeiro) - 1992.
6. BRASIL. Secretaria Municipal de Educação. Informando sobre a Educação Religiosa. Bases Legais. Assessoria de Educação Religiosa. (Rio de Janeiro).
7. FRANÇA, J. J. Leonel. Ensino Religioso e Ensino Leigo, Aspectos Pedagógicos, Sociais e Jurídicos. ed. Fluminense, 1931.
8. HUMBERT, René. História da Pedagogia. ed. Nacional, 1954.
9. LARROY, Francisco. História Geral da Pedagogia. Vol. 1, ed. Mestre Jou,.
10. LARROY, Francisco. História Geral da Pedagogia. Vol. 2, ed. Mestre Jou,.
11. MOTA, Carlos Henrique. História Moderna e Contemporânea. ed. Moderna, 916.
12. NUNES, Ruy. História da Educação do Renascimento. São Paulo. ed. Universidade de São Paulo, 1980.
13. PEARMENT, Myer. Conhecendo as Doutrinas da Bíblia. ed. Vida, 1992.
14. PEDRO, Antônio. História Geral. ed. Moderna, 1980.
15. REVISTA SER MÃE. Rio de Janeiro. Ano 1, nº5. Absorveu: A abordagem criança x religião.
16. SHEDD, P. Russell. A Bíblia Vida Nova. ed. Sociedade Bíblica do Brasil.
17. VICENTINO, Claudio. História Geral. 1991.

ANEXOS

ANEXO 1

1

Arco-íris

CONCEITO-CHAVE: Aliança

INDICAÇÃO: 5ª e 6ª séries

OBJETIVO: • Refletir sobre o cuidado e o Amor de Deus aos homens, revelados na Bíblia, através da ALIANÇA feita com os Patriarcas e com o povo de um modo geral.

DESENVOLVIMENTO	PONTOS DE OBSERVAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisar como Deus tem se relacionado com os homens, a partir da Criação. • Traçar, com bastão de cera, um arco vermelho. • Traçar em seguida um arco azul, cobrindo, em parte, o arco vermelho. Ficará assim, uma parte bem azulada e outra em azul claro. • Questionar o simbolismo das cores lilás, azul marinho e azul celeste. • Colorir com bastão vermelho, parte da faixa amarela, fazendo aparecer a cor alaranjada. • Traçar, em sequência, um arco amarelo, que, em parte, cubra o azul claro. • Questionar o simbolismo do verde: esperança(?), o brotar de uma nova vida(?), (?), (?). • Estudar a citação: "Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra de suas mãos". <p>VARIANTE</p> <ul style="list-style-type: none"> • Vincular a figura geométrica do círculo (símbolo da perfeição) com o significado religioso de Deus que é a Perfeição. 	<ul style="list-style-type: none"> • MATERIAL NECESSÁRIO: Bastões de cera vermelho, azul e amarelo. Folhas de papel branco, tamanho ofício. • Procurar saber se conhecem a Aliança de Deus: <ul style="list-style-type: none"> • com Adão (GN. 3:15) • com Noé (GN. 9:8-13) A sensibilidade ao cuidado e Amor de Deus aos homens. • O que lhes faz lembrar a cor vermelha? • Ressaltar que a vida está no sangue, e Deus é a vida. • Perguntar se nas aulas de Arte, já identificaram pigmentos primários. • Observar o interesse pela cor lilás que apareceu, ao cobrirem uma parte da faixa vermelha com azul marinho. • A vinculação com aprendizagem nas aulas de Arte. • A reação dos alunos diante da faixa verde que apareceu, sem que eles a tivessem pintado. • A compreensão de que somente Deus, que é vida, pode nos dar uma nova vida. • Conhecimento do Salmo 19:1-6. • Ver texto no Anexo 1. • Vinculação com Artes Plásticas • O arco é uma parte de uma circunferência (Aliança). • A Noé, só lhe foi permitido ver uma parte da Aliança, o arco-íris. Deus, ao humanizar-se, viveu todo o simbolismo do arco mostrado a Noé, e mostrou a seus apóstolos toda a Aliança, ao despedir-se na última Ceia: "Este é o sangue da Aliança; bebei dele todos." • Vinculação com Ciências Assim como um raio de sol, ao atravessar uma gota d'água de pesadas nuvens, desenha, entre a terra e o Céu, um lindo Arco-íris, símbolo de que as torrenciais chuvas vão cessar, Cristo pendente no espaço, crucificado no alto do monte Calvário, faz cessar a turbulência da condenação da humanidade que crê que Jesus Cristo é o filho de Deus, pois veio em carne e cumpriu tudo o que a lei e os profetas disseram.

2

Leitura e Pesquisa no Evangelho de LUCAS

CONCEITO-CHAVE: Redenção

INDICAÇÃO: 5ª a 8ª série

OBJETIVO: • Concluir que a vida nova oferecida por Jesus Cristo é capaz de redimir o homem.

DESENVOLVIMENTO	PONTOS DE OBSERVAÇÃO
<ul style="list-style-type: none">• Pesquisar e localizar, no Evangelho de Lucas, os dois personagens cujas infâncias são narradas.• Relacionar os nomes femininos dos quais Lucas fala, mostrando a preocupação de Jesus para com essas mulheres.• Destacar a tolerância de Jesus para com os necessitados (samaritanos: 10.33; 9.51-56; os leprosos: (17.12) • Concluir por que razão Lucas é considerado também o "Evangelho da Mulher", com base nos capítulos 1 e 2; 7.12-15; 7.37-50; 8.2,3. • Ler as bem-aventuranças, em Lucas 6.20-23, e dizer com que classe de pessoas Jesus mais se preocupou, segundo essas palavras.• Anotar, durante a leitura do evangelho de Lucas, quantas narrativas existem sobre mulheres e em que narrativas são citados os nomes dessas mulheres.	<ul style="list-style-type: none">• MATERIAL NECESSÁRIO - Bíblia, recortes de jornais e revistas, folhas de papel, (texto anexo para o professor).• Ressaltar o fato de ser o Evangelho Lucas o único a narrar a infância dessas duas crianças. • Sublinhar o fato de ser Lucas, também, o único a se preocupar com determinados grupos de pessoas, tais como:<ul style="list-style-type: none">- as mulheres (apresenta narrativas sobre a vida de várias delas);- os necessitados: samaritanos, leprosos, etc;- os pobres, especificamente, os pastores no campo e Lázaro;- os proscritos e marginalizados (a mulher pecadora, o bom samaritano, o filho pródigo).
<p>VARIANTE</p> <ul style="list-style-type: none">• Dramatizar a história do Filho Pródigo.• Dramatizar a história do Bom Samaritano.• Confeccionar um mural com recortes de revistas e/ou de jornais que mostrem a diferença gritante que há entre a tolerância de Jesus para com os proscritos e necessitados e as atitudes da sociedade e das autoridades de hoje (policiais, etc) para com essas pessoas.	<ul style="list-style-type: none">• Ler o texto 1 no final da atividade.

3

O Mundo criado por Deus (A Criação)

CONCEITOS-CHAVE: Revelação

INDICAÇÃO: 5ª e 6ª séries

OBJETIVOS: • Refletir sobre a criação como uma das formas do Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo revelar-se ao mundo.
• Reconhecer a criação de Deus através de fatos do cotidiano.

DESENVOLVIMENTO	PONTOS DE OBSERVAÇÃO
<ul style="list-style-type: none">• Questionar as diferentes formas de vida, criadas em harmonia, beleza e perfeição.• Pesquisar sobre Ecologia em revistas, programas de TV, jornais e Campanhas.• Estudar textos bíblicos em que podemos ver a magnífica ordem na criação do mundo: os reinos mineral, vegetal e animal.• Ler e comentar o texto 1 "Meu Pensamento".• Retirar do texto o que Deus criou.• Analisar as expressões: "Ele é Deus de amor e tudo fez, Para nossa alegria e bem-estar."• Debater a propósito do domínio do homem sobre a natureza como co-administrador do mundo que Deus fez.• Discutir como Jesus, Filho de Deus, revelado ao mundo, valoriza as obras criadas por Deus.	<ul style="list-style-type: none">• Material - texto mimeografado "Meu Pensamento" (Texto 1).• Expressões próprias e espontâneas dos alunos.• A preservação do meio-ambiente.• Interesse no estudo da palavra de Deus. Sugerimos: Gen, 1: e 3; Hebreus 11:3; Mat. 6:25 a 34; Salmos 90 Gen. 3-15 e João 3:16 João 11:22; Isaías 6:1-9 - Deus e a criação - Deus cuida de nós - Deus nos ama - Deus tem grande poder.• Opinião pessoal dos alunos.• Integrar com os componentes da área e/ou outras áreas do conhecimento.• O relacionamento de Deus com o homem.• Informação e Participação "Dia Mundial do Meio Ambiente"• Fé, relacionada com a vida.

4

A necessidade que temos de assumir compromissos na vida e discussão, troca de idéias com base em Êxodo 20.1-17; 24.1-11; Jeremias 31.31-34; Hebreus 8.8-12.

CONCEITO-CHAVE: Aliança

INDICAÇÃO: 7ª e 8ª séries

OBJETIVO: • Compreender que nas alianças firmadas com o ser humano, Deus sempre deu ao homem a oportunidade de assumir, ou não, compromissos com Ele.

DESENVOLVIMENTO	PONTOS DE OBSERVAÇÃO
<p>• Traçar um paralelo entre os quatro textos, mostrando o que há de comum nas alianças feitas.</p> <p>• Destacar o significado e implicações da primeira Aliança (Êxodo 20.1-17; 24.1-11) e também o significado e implicações da segunda Aliança (Jeremias 31.31-34; Hebreus 8.8-12).</p> <p>• Estabelecer a diferença e o significado de uma aliança escrita em tábuas de pedra e uma aliança escrita nas mentes e corações.</p> <p>VARIANTE</p> <p>• Procurar no Novo Testamento o resumo que Jesus fez da Lei e dos profetas.</p> <p>• Fazer uma comparação entre esse resumo da Lei, e dos profetas, e a Antiga Aliança.</p> <p>• Fazer entrevistas com advogados ou homens de leis e de negócios, anotando o que mais falha nos compromissos assumidos: se as pessoas, individualmente, ou as instituições (governamentais e/ou não).</p> <p>Elaborar dois textos que focalizem: um funcionário ou empregado justificando o não cumprimento de um dever, diante do patrão ou da instituição para a qual trabalha; um patrão ou responsável por uma instituição de trabalho justificando-se, diante dos funcionários ou empregados, devido ao não cumprimento de um dever para com eles.</p>	<p>MATERIAL NECESSÁRIO - Bíblia e folhas de papel</p> <ul style="list-style-type: none"> • Destacar que a antiga Aliança era sombra da Nova Aliança. • Colocar em destaque que o Antigo Testamento é o símbolo da Antiga Aliança e que o Novo Testamento é o símbolo da Nova Aliança. • Nas alianças e contratos que fazemos como seres humanos, precisamos ser fiéis no cumprimento dos compromissos assumidos. • Mostrar ao aluno que uma aliança implica compromissos mútuos. As duas partes que assumem a dita aliança assumem também os compromissos. Até Deus assumiu compromissos com o homem. • A lástima que é o fato de muitas pessoas assumirem compromissos e não os cumprirem.

ANEXO 2

ENSINO RELIGIOSO CATÓLICO

1

"Felizes os que têm fome e sede de justiça"

CONCEITOS-CHAVE: Aliança e Redenção

INDICAÇÃO: A partir da 6ª série

OBJETIVOS: • Analisar a realidade quanto ao anúncio e à vivência real dos direitos fundamentais do ser humano.

- Reconhecer nas manifestações culturais, de hoje, anúncio e denúncia de questões que afetam (em todas as épocas) a realização do homem.
- Reconhecer na palavra revelada pela Bíblia uma resposta aos anseios humanos de uma vida na justiça e na fraternidade.
- Reconhecer na pessoa e na mensagem de Jesus Cristo uma proposta de vida, de construção da sociedade onde a justiça fundamenta a paz.

DESENVOLVIMENTO	PONTOS DE OBSERVAÇÃO
<ul style="list-style-type: none">• Cantar o samba-enredo da E.S. Unidos de Vila Isabel (1989) e trabalhar as idéias básicas do texto 1:<ul style="list-style-type: none">- Por que a questão da justiça preocupa tanto o homem?- Por que a realidade às vezes contraria os "ditados populares"?- Como anda a vivência desses direitos hoje?• Ler os textos bíblicos apresentados (Texto 3) discutir como a Bíblia apresenta a questão da justiça, do direito, no AT e no NT AT - Dt 22,8 Dt 24,5 Dt 24,10-15 Dt 24,17-21 Is 32,17 Jr 22,3 Ez 45,9 Am 5, 24 NT - Tg 3,18• Relacionar a proposta de vida de Jesus Cristo com o que foi refletido até agora, através da leitura, análise e discussão de textos de Evangelho (Texto 3) Mt 6,33 Lc 11,42 Jo 8,1-11 e todo o Sermão da Montanha• Selecionar (em grupos) textos bíblicos para preparação de um mural em que se misturem a letra da música e os textos escolhidos.• Expressar livremente o que ficou do tema, através de Oração.	<ul style="list-style-type: none">• De acordo com o nível da turma partir de uma canção popular, poesia, literatura de cordel ou notícia de jornal que fale de busca de justiça, fraternidade ou esperança de dias melhores.• Observar que a mensagem religiosa não está presente apenas nas músicas religiosas, mas também em várias manifestações populares e culturais.• Observar como o aluno interpreta certas frases: "Viver com dignidade não representa favor" "A justiça é cega, mas enxerga quando quer." "Sei que quem espera não alcança." etc• Observar que o aluno deve perceber que a mensagem bíblica, embora revestida de roupagem literária, com uma visão cultural própria de determinado contexto, apresenta problemas atuais e oferece critérios para sua solução.• Relacionar a justiça, no sentido cristão, com:<ul style="list-style-type: none">- amor- respeito à dignidade humana- igualdade- fundamento para a pazObservar que justiça não "cai do céu, é praticada na convivência fraterna e responsável, no respeito ao direito de cada filho de Deus, e é caminhada coletiva.• A turma pode discutir e escolher a melhor forma de orar neste momento:<ul style="list-style-type: none">- individual ou comunitária;- oral ou escrita;- expressão corporal.

2

BÍBLIA - Deus se revela na história de um povo

CONCEITO-CHAVE: Revelação

INDICAÇÃO: 5ª série

- OBJETIVOS:**
- Identificar a Bíblia como registro da experiência de um povo que percebe Deus na sua história.
 - Estudar os textos bíblicos familiarizando-se com sua linguagem e sua mensagem.
 - Reconhecer a atualidade da palavra de Deus revelada na Bíblia.

	PONTOS DE OBSERVAÇÃO
<ul style="list-style-type: none">• Trazer ou montar um álbum (ou algum tipo de registro) de sua vida familiar.• Comparar a Bíblia com este registro ou "álbum de família" de um povo.• Trabalhar, através da pesquisa nos textos bíblicos, a idéia de "presença de Deus" que o autor sagrado registra nos seus escritos. Gn, 1-27 Ex 2,23-25 Ex 3,1-12 Ex 17,1-7 Lv 19,15-18 Pv 6,6-11 At 2,1-13 etc.• Utilizar a pesquisa bíblica para observar como foram escritos os textos que hoje compõem a Bíblia.<ul style="list-style-type: none">- forma- conteúdo- época- estiloDividir-se em grupos para jogar:<ul style="list-style-type: none">- Cada grupo sorteia um texto ou frase selecionada da Bíblia- Outro grupo (apontado pelo 1º) deve falar sobre a atualidade ou não, do que é citado no texto.- O resto da turma avalia as colocações do grupo.	<ul style="list-style-type: none">• Chamar a atenção para o que costumamos registrar da nossa vida:<ul style="list-style-type: none">- momentos significativos;- etapas do crescimento;- pessoas marcantes;- coisas aparentemente sem importância.• Observar que na Bíblia encontramos:<ul style="list-style-type: none">- a formação do povo de Israel;- seus costumes, suas leis;- gente que construiu uma história de fé;- sua visão religiosa do mundo.• Aqui não se está trabalhando ainda a questão da inspiração ou autoria sagrada dos textos.• Observar que o homem bíblico percebe Deus presente:<ul style="list-style-type: none">- na natureza;- nas interrogações do homem: Quem sou? Por que e para que vivo? Por que soffro?- nas lutas por uma condição melhor de vida;- na sabedoria popular;- participando ativamente da história;- através da ação dos profetas;- pela vida e ação de Jesus Cristo. (Jesus Cristo como revelação plena de Deus é tema de uma atividade específica).• Chamar a atenção para o que se entende por Revelação. Observar que a Bíblia é composta de vários livros, diversos estilos literários, e traz a marca dos costumes e do jeito de ver a vida e o mundo do povo daquela época.• Ver anexo 2.• Alguns textos que podem ser usados: Pv 6,6-11 Pv 17,1 Ecl 3,1-8 Eclo 7,27-28 Sl 105,1-5 Eclo 25,1-2 Mt 6,19-21 Eclo 38,1-2 Mt 12,33-37 Mc 12,41-44 Lc 10,29-37 COL 3,12-15 1 Pd 3,8-12

3

Ser alguém (Discussão a partir de texto)

CONCEITO-CHAVE: Revelação

INDICAÇÃO: 5ª a 8ª série -

OBJETIVOS: • Criticar as imagens que recebemos sobre o ser humano.

- Perceber o valor da pessoa humana enquanto ser que pensa, se relaciona, age, cria, transforma, ama - ser que é "alguém".
- Identificar na palavra revelada pela Bíblia sinais da dignidade do ser humano.

DESENVOLVIMENTO	PONTOS DE OBSERVAÇÃO
<ul style="list-style-type: none">• Analisar expressões comuns do nosso povo: (Texto 1) "Quero ser "alguém" na vida." "Ele é um João-ninguém!"• Retirar de notícias de jornais, ou textos de revistas, exemplos do "ser alguém" ou "ser ninguém" hoje.• Pesquisar na propaganda (TV, out-doors) que imagem nos é apresentada de quem sabe ser "alguém".• Discutir ou debater a seguinte questão: - Quem é considerado "alguém" ou "ninguém" no meio da nossa gente? Por quê? - o menino de rua - o craque de futebol - o idoso - o professor - o modelo de capa de revista - o ministro - o presidiário... e outros a critério da turma• Ler e analisar o depoimento de quem já se sentiu "ninguém" e "alguém" (experiência de vida).- Reportagem sobre o mendigo "Maluquinho" ou Sr. Almir (Texto 2)• Reconhecer, nas relações de escola e família, as situações em que tornamos o outro "ninguém" ou nos deixamos anular como ser humano.• Aprofundar, através da pesquisa e estudo do texto bíblico, a visão que a Bíblia nos apresenta do ser humano: Alguém ou ninguém?• Ler e analisar a vida de gente que parecia ser "ninguém" e representou muito na vida do	<ul style="list-style-type: none">• Aproveitar expressões próprias da vivência dos alunos (Texto 1).• A palavra do aluno é fundamental para compreensão da visão que ele tem sobre o assunto e sobre a sociedade em que vive.• Observar a familiaridade que o aluno tem com o texto bíblico.• Verificar se ficam claras as idéias sobre o ser humano contidas na Bíblia.<ul style="list-style-type: none">- imagem e semelhança de Deus;- ser criado para viver com... (fraternidade);- ser responsável, capaz de transformar o mundo em que vive;- ser livre;- ser capaz de refletir sobre sua existência.• Trabalhar os personagens de acordo com a vivência da turma.

ANEXO 3

ENSINO JUDAICO

1

"A natureza e o judaísmo"

CONCEITO-CHAVE: Criação

INDICAÇÃO: 5ª ou 6ª série

OBJETIVOS:

- Preservar a criação pela compreensão de que a religião judaica está diretamente ligada aos fenômenos da natureza.
- Vivenciar momentos festivos tradicionais, participando ativamente de comemorações litúrgicas.

DESENVOLVIMENTO	PONTOS DE OBSERVAÇÃO
<ul style="list-style-type: none">• Ler o versículo 2 - Gênesis: "E a terra era sem forma e vazia." Gênesis 1:2.• Selecionar versículos bíblicos ligados à natureza onde se exalta e valoriza a obra divina. Exemplo: "Porque os dias do meu povo serão como os dias da árvore". Isaias 65:22. "E quando tiverdes entrado na terra e plantado toda a árvore" Levítico 19:23 "Cantai alegres, vós, ó céus, vós, montes, retumbai com júbilo; também vós, bosques, e todas as árvores em vós". Isaias 44:23 "Então se regozijarão todas as árvores do bosque." Salmo 96:12 "Porque será como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro." Jeremias 17:8 Guarda o dia de sábado para o santificar. Seis dias trabalharão e farás tua obra e o sétimo dia é sábado para D's". Êxodus 20:9,10• Comentar: Também a terra merece descanso. Assim, todo o sétimo ano, desde a criação do mundo, é um ano Sabático durante o qual não se deve plantar nem colher. Seis anos os campos serão semeados e os produtos colhidos, mas no sétimo também a terra descansará. Vide Levítico 25:3,7• "Dar-vos-ei as vossas chuvas a seu tempo e a terra dará o seu produto e a árvore dará o seu fruto". Levítico 26:3,4	<ul style="list-style-type: none">• Concluir com os alunos que o começo de TUDO foi o NADA.• Mostrar a valorização da natureza no enfoque bíblico do Velho Testamento.• Ressaltar o dinamismo da natureza.• Levar os alunos a compreender a importância tanto do trabalho quanto do descanso.• Levar os alunos a relacionar a natureza à religião e a perceber a atualidade dos textos bíblicos.

2

"SHAVUOT" - o significado das festas. Costumes/tradições

CONCEITO-CHAVE: Revelação

INDICAÇÃO: 5ª a 8ª série

- OBJETIVOS:**
- Conhecer os vários significados da Festa de Shavuot.
 - Identificar os diversos nomes da festa de Shavuot.
 - Reconhecer a colheita como dádiva divina.
 - Conhecer o valor universal dos dez mandamentos.

DESENVOLVIMENTO	PONTOS DE OBSERVAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Conversar sobre alguns dos nomes da Festa de Shavuot: <ul style="list-style-type: none"> - <u>O primeiro nome:</u> MATAN TORATEINU (o recebimento dos novos mandamentos) • Pesquisar na Bíblia o conteúdo dos mandamentos. • Conversar sobre o versículo: "E guardareis os meus estatutos e os fareis; Eu sou o Eterno, vosso santificador..." (Levítico XX - 8) • Refletir sobre os Dez Mandamentos: <ul style="list-style-type: none"> - Forma e Conteúdo - Diversidade entre as duas tábuas de lei de Moisés: <ul style="list-style-type: none"> 1ª tábua - cinco mandamentos que ensinam as obrigações do conceito divino do homem diante de D's. 2ª tábua - cinco mandamentos que contêm obrigações do homem para com seus semelhantes. • Ouvir músicas relacionadas com este nome. - <u>O segundo nome:</u> BIKURIM (a Festa das Oferendas) • Caracterizar a OFERENDA: <ul style="list-style-type: none"> - religiosa e agrícola 	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar: Relembra a entrega solene dos Dez Mandamentos a Moisés e o pacto do povo judeu com D's. • Narrar o fato seguindo os itens: <ul style="list-style-type: none"> - O acampamento próximo ao monte. - O diálogo divino com Moisés. - A santificação do povo para receber a Torah. - O ritual no monte. - A nuvem espessa sobre o monte. • Todo o povo ao pé do monte e a subida de Moisés. • O recebimento da Torah (Os 10 Mandamentos) • Cuidar para que a narrativa transporte os alunos para o cenário histórico da época. • Incentivar os alunos para que cantem juntos. • Ex.: "IOM SHEL ZIV"

3

"CHANUCÁ" - Festa das Luzes

CONCEITO-CHAVE: Revelação

INDICAÇÃO: 5^ª a 8^ª série

- OBJETIVOS:**
- Refletir sobre a importância da conservação dos preceitos judaicos mantidos pela tradição - as velas de Chanucá.
 - Festejar fatos históricos judaicos.
 - Analisar os fatos históricos.
 - Refletir sobre a valorização da palavra de D's através da preservação de valores e tradições judaicas.
 - Vivenciar momentos festivos tradicionais, participando ativamente de comemorações litúrgicas.
 - Perceber o significado da milagrosa vitória judaica comemorada através dos tempos.

DESENVOLVIMENTO	PONTOS DE OBSERVAÇÃO
<ul style="list-style-type: none">• Acender durante oito dias consecutivos, no candelabro de nove braços, uma vela de modo que o número de velas acesas corresponda à ordem dos dias, seguindo-se uma bênção:<ul style="list-style-type: none">- Baruch Atá Adoshem Eloheinu Melech haolam, asher Kidshanu bemitsvotav vetzivanu lehadlik ner shel Chanucá.- Baruch Atá Adoshem Eloheinu Melech haolam, sheassá nissim la'avoteinu ba'amim ha'lem bazman hazé.- Baruch Atá Adoshem Eloheinu Melech haolam, shehecheianu vekiemanu vehiguianu lazman hazé.• Refletir:<ul style="list-style-type: none">"Uma pequena flama é suficiente para alimentar a fé. Se a chama for pura veremos sua luz aumentar dia a dia."• Confeccionar alguns candelabros de nove braços utilizando diversas técnicas.<ul style="list-style-type: none">- Pesquisar o significado da "MENORÁ":	<ul style="list-style-type: none">• Narrar o fato histórico que prova a força da fé (Textos 1/2)• Observar e orientar a criatividade dos alunos.• Candelabro = "Menorá" (palavra hebraica) A "Menorá" de Chanucá tem 8 braços, um para cada dia, e um novo braço chamado "Shamash" ou servente. A "Menorá" de Chanucá é denominada "Chanukiá". Na antiguidade era utilizado azeite para acender a Menorá. Com o tempo este foi substituído por velas.